

o juízo das mãos
volume 1 | o dragão da montanha
eliza campello



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*À memória do meu pai,
que sempre soube que este dia chegaria*

Cuidado onde pões os pés.

Escrito a caneta na placa comemorativa
da Divisão Alfandegária Toliman
(Posteriormente substituída no Centenário do Juízo das
Mãos)



PARTE I

O DRAGÃO DA MONTANHA

«... A informação disponível é pouco fiável e fragmentada, vista pelo prisma de uma cultura hostil ao seu passado e à sua história. Contudo, há indicações de que a figura mitológica do dragão era partilhada pelos diferentes povos da Velha Terra antes do Infortúnio, por mui distintas que fossem as manifestações da...»

«... Uma das lendas mais obscuras é sobre o dragão da montanha, chamado Bheithir (também conhecido como Beinn a' Bheithir), um dragão gigantesco cujo corpo se tornava numa muralha de montanhas impenetrável quando adormecido... O corpo do dragão de pedra rodeava um vale fértil, que dava santuário aos inocentes, aos perseguidos e aos arrependidos...»

Respirando Fogo: Mitos e Lendas da Velha Terra
Alexei Khito

«Nesta Terra, nesta Era, homens e mulheres nascem livres. É um direito inviolável e irrevogável, eterno e inato...»

Segundo Artigo da Constituição

ONDE TERMINA O CÍRCULO

A primeira recordação de Lala são os pés na terra. Devia ter dois, três anos, não tinha a certeza. Também não sabia ao certo onde estava. Provavelmente no jardim. Tudo de verdadeiramente bom principiara aí, por entre palmeiras e hibiscos em flor. Não era, portanto, uma ideia disparatada que a sua primeira visão do mundo fosse no jardim encantado da sua infância.

Na sua mente, não via a casca das árvores ou as flores caídas nos rebordos dos canteiros. Não via os azulejos, reluzindo como cristais de vidro, a formar animais reais como sonhos, ou as pétalas dançando sobre as pedras polidas dos caminhos. Não via o jardim onde sabia que estava, nem a noite que sabia que era.

Via dois pés na terra.

Eram pés de bebé, pequeninos e perfeitinhas, da cor de leite aguado. Descalça, Lala esgravatava a terra com dez dedinhos, esticando e encolhendo, encolhendo e esticando, qual rebento órfão que lança raízes por força de querer nascer.

E, aquela noite, era terra de semear. Semear flores e árvores de fruto. Esperança, amor e deslumbramento. Lala não sabe o que plantou, apenas lembrava a terra negra e fofa, cheia da macieza e ternura que vem depois de uma grande chuva, o orvalho a cair de mansinho, e o cheiro molhado a insuflar o ar noturno de promessas e coisas vivas.

O primeiro sonho de Lala é um pesadelo.

Era tarde, muito tarde, e as meninas bem-comportadas estavam a dormir. No sonho, Lala cismava na cama, percorrendo com as mãos o bordado da colcha e com os olhos o relevo do teto. Duas frases não lhe saíam da cabeça:

— Como vai a galdéria da mãezinha? — Cuspida por uma mulher

ruiva de sorriso doce que se aproximara de Lala no parque, malgrado a supervisão de Brenda.

E...

— Encarnação da ignomínia humana! — Apregoada por um vendedor de jornais na Avenida Portuária, durante o passeio de Lala pela mão de Venita, governanta feita ama até à seleção de uma candidata suficientemente vigilante.

As declarações incompreensíveis que ninguém explicara (além de «galdéria» ser uma «palavra feia» e «encarnar» significar «fazer-se carne») emaranharam-se no cérebro infantil de Lala, ligadas por «ignomínia».

Lala reconheceu a palavra.

Ouvira-a num passado remoto, do qual não guardava recordações.

Antes do jardim, dos passeios, de Amira.

Antes de Lala estar viva, havia «Pecado. Abominação. Ignomínia».

Os vocábulos eram permutáveis e incompreensíveis. Vestígios indiferenciados. No futuro, Lala aprenderia o significado daquelas palavras que tanto a tinham perturbado, saberia porque a assombravam. Mas no sono, no sonho, independentemente da idade, Lala era uma criança ignorante, insone pelo peso de acontecimentos que desconhecia.

Lala do sonho, Lala criança, fechava os olhos tentando dormir.

E via-o.

O Pecado. A Abominação. A Ignomínia.

Encarnado, feito carne, arrastando-se na sua direção.

Era como um homem. Um homem inacabado. Tinha cabeça, tronco e membros, mas não cara, nem cabelos, nem dedos. Não passava de osso e carne e daquela película viscosa que os vitelos trazem ao nascer, que o tolhia e prendia e o obrigava a avançar de bruços pela escadaria acima, deixando atrás um rastro rubro que refulgia no escuro.

Lala via-o, rastejando sobre os membros disformes, horrendos, rosáceos, banhado em sangue coagulado, achegando-se, acercando-se, estendendo-se para agarrar...

E não valia a pena fugir, correria até ele. Não se podia esconder, não havia sítio em que ele não a achasse. Ele conhecia-a, pertencia-lhe, existira antes de Lala ser Lala. Ele vinha. Ele apanhava-a. Sem olhos, boca ou nariz, vinha e apanhava-a, porque um dia vivera em Lala e todos sabem o caminho para casa.

Lala esperava-o, imóvel, por debaixo dos lençóis. Via-o nos degraus de mármore, a dobrar a esquina, a percorrer o longo corredor. A elevar-se à

porta do quarto. A entrar, sem bater, atravessando a madeira sólida, tal qual um fantasma, regressando à carne da sua carne. Subiria para a cama, encostando-se a seu lado, bem chegado a si, e Lala abria a boca para chamar... Chamar... E ele entrava. O Pecado. A Abominação. A Ignomínia. Entraria pela boca e Lala *sentia-o*, a escorregar pela garganta, mole e viscoso como fígado cru. Acordavam-na. Havia luz. Lala erguia-se, alagada em suor, vergastada por náuseas, e *sentia-o*, entalado no esófago, batendo e pulsando, até vomitar o conteúdo do estômago.

A primeira suspeita de Lala são chamas.

O sol estava alto e Lala seguia as pisadas de Amira. Os pés da tia eram mimosos, delicados, tons de ocre e ouro realçados pelo topázio das sandálias. Lala distraía-se e tinha de correr para acompanhar a passada. Tudo a distraía nesses anos, um pedaço de tecido, uma fonte sem água, uma ave rara. O mundo era uma caixa de surpresas que aprisionava e abismava, fazendo-a correr no encaço de mil e uma maravilhas.

Quando Amira avançava, a multidão abria alas. «Aqui, ó graciosíssima»... «Veja, sereníssima»... «Para si, ó bela»... De ambos os lados, materializavam-se colares e licores, sedas e frutos, especiarias e porcelanas. Dedicavam-lhe juras e adulações que eram sumariamente ignoradas. Desdobravam-se em suspiros e tributos perante a aura de riqueza daquela beleza dourada.

Lala não se assustava. Ela, que estremecia quando levantavam a voz, que saltava com o estrondo da porta, não temia a multidão que se abeirava, sôfrega, arremessando pechinchas e pechisbeques. Saltando de uma bancada, um homem de bigodes pretos e esplêndidos mostrou-lhe uma caixa de música, entoando por cima do refrão que «uma menina bonita merecia...» e Lala mal teve oportunidade para se espantar com «bonita», antes de Amira a conduzir gentilmente para os estabelecimentos acobertados na colunata.

Naquela manhã profética disfarçada de memória, Amira estava especialmente luminosa. Envolta em laranjas esvoaçantes, Amira irradiava, incandescia, movendo-se como se levitasse por entre as mobílias e os bibelôs regurgitados que ali se acumulavam. Toda ela era a imagem de um espírito de fogo, envolta em ouro e musselinas de pontas dançantes, de dobras artísticas e nós intrincados, de camadas diáfanas que velavam as curvas esbeltas e o colo de cisne com um zelo apaixonado.

Pararam defronte de um dos antiquários que se acotovelavam na ala esquerda, a entrada estreita dissimulada por missangas de vidro, lágrimas gordas e vermelhas que crepitavam e tiniam. No topo, uma placa vacilante anunciava em caracteres amarelos: XIA — Antiguidades & Consultoria.

Amira lançou um olhar à sobrinha e sentiu um aperto no peito perante a seriedade dela. Debruçou-se, beijando-lhe a testa, e disse com excessiva veemência: «Espera aqui, tesouro, que já volto», contendo-se a tempo de acrescentar «se precisares, grita».

Seria desnecessário e alarmista.

Eles já não podiam levá-la.

Eles já não podiam *tirá-la*.

Lala prometeu que sim em voz sumida, e Amira afagou-lhe os cabelos com um sorriso, desaparecendo então no interior da loja.

Lala sentou-se na borda do passeio, rodeada por tralha de latão e cachimbos de água. Os tetos altos projetavam uma sombra tímida que Lala tentou aproveitar ao máximo, puxando os joelhos ao peito. Tudo lhe pesava. O algodão da roupa, a cortiça dos sapatos, o suor do corpo. Até os cabelos soltos que se colavam à pele, abafando o pescoço.

O sol atingiu a apoteose.

As lajes de pedra queimavam a um degrau de distância. O ar quente enviesava-se, difuso, roubando-lhe o fôlego... A venda de refrescos mais próxima estava a duzentos metros e esquecera-se de pedir trocos... E o calor... Lala espreitou o umbral que engolira Amira com desagrado, retornando à posição inicial de bicho-da-seda agastado.

Queda-se a observar o vai-e-vem da praça.

(Vê)

A praça é, nesse dia, um lugar diferente do matadouro que se tornaria no futuro. É dia de mercado. Filas de bancas e bancadas cruzam-se no espaço aberto, lojas expõem cópias das melhores peças em mostruários articulados, vendedores ambulantes gritam pregões à mercadoria que trazem pendurada ao pescoço. O mundo está à venda. Milhares rodopiam num oceano multicolor de corpos transpirados e amassados, carregando cestos de vime e sacos de ráfia, pegando e largando, berrando e gesticulando, orquestrando um zunzum omnipresente. O tilintar de dinheiro passado de mão em mão enche o recinto. Regateia-se, discute-se numa língua na qual «não» é «metade» e «talvez» é «sim». Explodem temperamentos. Há «Ladrão». Há «Gatuno». Ouve-se de tudo em zaragatas que não chegam a vias de facto, fazendo-se a paz com desculpas e trocados.

A praça está viva.

Lala é percorrida por um arrepio, como se céu e terra tivessem estremecido. A mescla de sons quentes e hálitos tingidos assola-lhe os sentidos, brincando com o que os olhos viam. Imagina um colosso adormecido. Conjura uma besta malévola e antiga, feita de lodo e lama, que retesa os braços perros no subsolo. A Quinta Avenida eleva-se com as costas e o arco, grandioso e triunfal, resvala pela espinha, arrojando a colunata. Tendas e pedras despedaçam-se e a Baixa precipita-se para as profundezas do mar.

Lala contempla, alheada, a devastação aquática que engendrara, quando vê.

Primeiro fogo, depois pés.

Não compreende. Inventava joias desirmanadas e saris debruados a afundarem-se no azul de águas fictícias quando irrompem correntes de chamas. Demora a *ver*.

Pés. Grandes. Calejados. Entranhados por um pó avermelhado. Unhas cortadas rente. Chinelos de borracha rasca ou plástico. Calçado que sendo novo parece usado.

Pés que estavam habituados a andar descalços.

Pés gastos.

Subindo, o aviso. Dois dedos acima do tornozelo, torneando a base dos gêmeos como pulseiras, labaredas de espuma ou línguas de fogo entrelaçadas. Lala nunca vira nada assim. Uma visão de fogo em que se alternavam chamas que expiravam, ardendo linhas entre o azul difuso e o verde desmaiado. Um esboço do impossível. A própria cor alienava. Instintivamente, Lala estende dedos, mão e braço e toca na pele desenhada.

Pernas mexem-se, recuando com um salto. Lala endireita-se, alvoraçada, zonga com a realização de que há alguém. Alguém a quem pertencem os tornozelos tatuados e os pés nos chinelos de enfiar no dedo baratos. Esse «alguém» era um menino. Um rapaz alto e esgalgado, dez ou doze anos, que trazia apenas uns calções vestidos com uma *t-shirt* encardida a fazer de cinto. A tez era de areia, de sol e de sal, e os cabelos eram de castanho áureo, magníficos e revoltados. Havia algo precoce na postura, invulgar na estatura. Quase ideal. Delineada, proporcional, sem os embaraços de um corpo em desenvolvimento.

Uma representação ilustrada de um rapaz do género humano.

É o olhar que a desperta.

Lala encolhe-se, corando de vergonha. Não se podia andar por aí a tocar em pernas sem autorização, mesmo que tivessem desenhos bonitos.

Não era um comportamento aceitável. Mortificada, Lala levanta-se para se desculpar e ele recua.

Ela para, confusa.

Mais uma vez, como é jeito humano, os olhos falam quando as palavras faltam.

Medo.

Medo em olhos de água, transparentes, quase azuis, que a fitavam esbugalhados.

Ele tinha medo dela.

Lala abre a boca, fechando-a de imediato. Não entende. Sem querer, dá um passo. Ele afasta-se. Está igualmente confuso. As mãos de Lala sobem e descem, não sabe o que fazer com elas, e começa a fugir-lhe um pedido de desculpas.

— Lala!

Ela vira-se automaticamente. Amira transpunha a cortina de cristais sangrentos. Basta o nome dela e ele desaparece.

Desaparecido.

Desaparecera.

Amira poussa-lhe o braço pelos ombros e Lala mal a ouve, toda a percepção está a diluir-se no fogo. Está em brasa. Sente-se esquisita lá dentro, cá fora desassossegada. A garganta secava-lhe a fala. O estômago contorcia-se numa série de nós impraticáveis. Não percebe. A tinta queima-lhe a ponta dos dedos e Lala não percebe nada.

Amira pega-lhe na mão durante o caminho para casa. Lala sente falta. A diferença de falta. *Ter* falta e *estar* em falta. Tem de pedir desculpa.

Desculpa.

Não tenhas medo.

Um sussurro familiar agitava-se lá no fundo.

De antes de...

Não.

Não.

A palavra ressoa absoluta na sua mente.

Não.

A sombra dessa palavra imutável seguiu-a na esteira de ouro e musselina. Quando Amira, reparando nela cabisbaixa, perguntou o que se passava, Lala não soube responder.

...

O primeiro crime de Lala é perjúrio.

Definição: Falso testemunho sob Juramento.

Reflexão: *Crime de consequências inescapáveis por natural implicação.*

Era verão. Corria uma brisa ligeira e nuvens preguiçosas turvavam o entardecer. Faltavam vinte minutos para as oito e Lala estava atrasada. Regressava a casa por atalhos, cortando e seguindo por ruas paralelas e perpendiculares às avenidas da Baixa. Apertava contra o peito o talismã protetor contra recriminações imerecidas, preservado na pasta de couro que a identificava com requinte. Aconchegado no forro de seda, impresso em papel timbrado, achava-se o III Certificado de Avaliação dos Estudos Primários.

Lala fora aceite a exame formalmente às cinco horas da tarde, apresentando-se a avaliação no uniforme feminino não-oficial: saia azul-escuro pelos joelhos, blusa branca e saabinas pretas. Nem os cabelos negros, indómitos e dados a achaques climatéricos, tinham escapado: Venita tinha-os desemaranhado sem dó nem piedade, domando-os com violência crescente em duas tranças, que pregou à nuca num arranjo com duzentos e setenta e seis ganchos e pura força de vontade.

O resultado recebera a classificação de «apropriado» por unanimidade.

A obra capilar iniciava só agora o lento processo de desmoronamento. Lala resistia à tentação de aliviar a pressão retirando alguns ganchos, tendo plena noção que somente a precisão milimétrica e o zelo sobre-humano de Venita mantinha a aparência ordeira.

O teste obedecera ao modelo que praticara com Jemima. Três blocos sequenciais dedicados ao Idioma, à Matemática e às Ciências Naturais. O texto para análise gramatical tinha sido um trecho da Travessia, e, depois de recitar a tabuada completa, tivera de resolver um problema com divisão inteira. Ciências Naturais correria melhor, devido à incidência na área da botânica.

Lala adorava botânica. Adorar de adoração, não adorar-hipérbole ou adorar-metáfora. Botânica fora uma epifania, revelada através de exemplificação esquemática, gravuras amarelecidas e tinta descorada. Aqueles tomos enciclopédicos, amolecidos e cansados, não eram livros para Lala, eram Escritura, onde a alma exultava.

E a causa era simples.

A causa era o jardim.

Botânica era a língua do jardim, e o jardim era amor e vida, promessa e fantasia. Lala não era estudante de botânica.

Era discípula.

Se Lala fosse tão eloquente em sintaxe verbal como era sobre a *Classificação do Domínio Vegetal* — Volume II, Chang & Smith, Edição Revista, talvez alcançasse a meta dos 90/100. Infelizmente, tal oportunidade não se materializou e teve de consolar-se com a respeitabilidade de «Aprovada com Mérito» (78/100), que não satisfaria os apetites insaciáveis de Jemima. A precetora adquirira «expectativas» no grupo Idioma, o que demonstrava uma fé comovente em Lala tendo em conta as semanas excruciantes passadas no quinto capítulo de *A Minha Primeira Gramática*.

Era, pois, com a visão lúgubre da Série B dos Exercícios de Declinação perfilada no horizonte, que Lala subia as ruas vazias na direção dos bairros residenciais.

A última sexta-feira dos exames do Estudos Primários e Intermédios marcava um feriado informal, o «início» do verão para motivos práticos. O comércio fechava, as empresas davam tolerância, os funcionários ministeriais metiam férias. O fim de semana alargava-se para acomodar passatempos que se impunham numa estação frugal em festas.

O céu enublado não deteria as atividades de recreio habituais. O padrinho, Arjun, esperava-a desde as seis e meia. A reunião seria na residência de Gran Maya, onde toda a família se instalaria no terraço para ceiar à luz de lanternas de vidro e encenar espetáculos de sombras com os contos tradicionais.

A única ausência seria a própria Amira, numa emergência em Revati. Partira de madrugada, telefonando durante o transbordo, enquanto Venita tentava convencer Lala a comer o pequeno-almoço. Pedira desculpa por não estar presente e dera-lhe a bênção entre abraços e beijinhos telefónicos antes de desligar ao som dos apitos.

Lala ficara parada, segurando o telefone mudo. Aproveitando a hesitação, Venita apressou-se a atirá-la para a lista interminável de atividades do dia. Comida, banho, vestir, revisões, almoço, dar entrada em exame com Jemima, avaliação, casa, mudança de roupa, jantar.

Lala tinha o pressentimento de que o dia seguinte seria igualmente preenchido. Talvez passeios de regata com os primos, ou uma excursão surpresa ao Jardim Botânico com Jean-Pierre. Não seria autorizada uma hora de ócio ou solidão.

Lala sabia porquê. E achava desnecessário. Não tinha episódios há...

— Eh!

Lala deteve-se com a rude interrupção da conversa que estava a ter

com os seus botões. Demorou uns segundos a localizar-se. Subia uma travessa pedonal nas traseiras dos Armazéns Ramirez. Prédios atarracados de paredes caiadas de branco e madeiras pintadas de verde, lojas no rés do chão, apartamentos por cima. Completamente vazia.

— Acima!

Lala elevou o olhar aos céus.

— Onde estão todos?

Um rapaz contemplava-a. Alto, esgalgado, caminhando indolentemente pela calha do telhado. Calções puídos. Pés descalços. Pescoço e peito rasgado por uma vaga irada de garras e presas de um verde moribundo.

— Então?

Era um engano. O mundo soluçara ou rodara ao contrário e entrara no atalho de uma fábula ... «Era uma vez um rapaz para quem o tempo não passava...»

— És surda?

A pasta escorregou-lhe, aterrando com um baque a seus pés. Uma sensação de vertigem desceu sobre ela. Lala buscou apoio. Um passo para trás. Dois para o lado. A mão esquerda achando uma porta encimada por sino de ferro.

— Muda?

Estava igual. Não. Era igual. Era ele. Desfilando pelos telhados de Toliman, tal qual uma criança-soldado numa cidade recém-conquistada.

(Não)

— Drago!

O rapaz virou-se na direção do chamamento e fez uma careta. Lala olhou para o cimo da rua deserta. Nada. Voltou-se novamente para ele a tempo de o ver saltar.

Oito metros.

No mínimo. Aterra como gato, gingão e emproado, pernas fletidas, garras verdes retesadas. Um salto exemplar. Lala rende-se à gravidade e desliza até ao solo. Ele endireita-se e sacode a cabeça, afastando o cabelo dos olhos. Têm o mesmo tom de castanho, o mesmo jeito revoltado, só que mais compridos e mais sujos.

Ele dá um passo e ela tenta recuar, batendo com as costas na porta.

Tem medo do que veem os próprios olhos.

O rapaz presenteia-a com um sorriso de presas e garras.

— Diz-lhes que já venho, surda-muda.

E trepa, ligeiro, pelo cano dos Armazéns.

Lala deixou-se ficar sentada, escutando-o desaparecer na distância, esforçando-se por praticar o que Grégoire lhe ensinara. Procurou um objeto e achou o sino por cima. Fixou o olhar, relaxou os braços junto do corpo. Inspirar, expirar, inspirar, expirar, sempre ao mesmo ritmo, devagar, devagarinho.

Quando eles chegaram, já recuperara a capacidade da linguagem.

— Ele diz que já volta.

Não elevou a voz, mas eles ouviram-na, lá do cimo do prédio.

Escutou o salto, o mesmo salto impossível de há minutos. São dois desta vez. Um par de batedores um pouco mais velhos. Lala achava, mas não tinha a certeza. Esguios, compridos de membros, compleição acobreada e perfis demarcados. Cabelos negros e lisos, os dela soltos até aos joelhos, os dele cortados pelo queixo à tesourada. Ela usava jardineiras curtas e tinha o tronco enfaixado. Ele trazia calções rotos e camisa cavada.

Quedaram-se onde aterraram, estudando-a com os olhos violeta semi-cerrados. Não queriam estar ali. Ou, talvez, não quisessem que *ela* estivesse ali. Lala sentia-se uma intrusa nas ruas da Vigésima Sexta. Na sua própria Assembleia. Tentou combater a sensação. Como sempre, acabou a observar as tatuagens denunciadoras, os desenhos bonitos que antes tanto admirara. Antes de saber o que significavam. Espectros. Desta vez, eram espectros condenados que ululavam ao subir pelo braço esquerdo dele e uivavam ao descer pela perna direita dela. Almas danadas para corpos irmanados. Irmãos. Deviam ser irmãos. Não, *eles* não, mas...

— Quem és tu? — perguntou ela, acorrendo-se.

Ficaram ao mesmo nível.

— Vestália!

Ela, Vestália, sacudiu a cortina de cabelos para trás dos ombros, sem abandonar a posição de gárgula.

— Argei!

O rapaz olhou distraidamente na direção do resto do cortejo.

Lala aproveitou para fugir ao exame intenso dela. De uma esquina, surgira uma rapariga com uma criança atada às costas e um rapaz no seu encaço. Lala sentiu o coração dar um salto. Era linda. Era simplesmente a menina mais bonita que Lala alguma vez vira. Ela correu até eles. Mais velha, viu então. No início da adolescência, assim como o rapaz ao lado dela.

— Vão buscar o Drago — atirou a menina ruiva para os não-irmãos parados —, rápido. Antes que se mate num telhado.

Vestália inclinou-se, irritada, fitando Lala com hostilidade.

— Ela viu...

O segundo rapaz dá um estalido com a língua e Vestália levantou-se, contrariada.

— Vão — repetiu, tapando Lala com o corpo.

Argei tocou ao de leve no ombro de Vestália e apontou no sentido pretendido.

— Vem — disse, falando pela primeira vez —, não pode estar longe.

Mal-humorada, Vestália seguiu-o e subiram, rápidos e ágeis, até à telha de água das traseiras dos Armazéns Ramirez, apoiando-se no cano metálico vertical e nas portadas cerradas. Lala não teria força nem equilíbrio para fazer tal. Mas isso era a razão deles existirem, não era? Nenhum ser humano teria a força ou o equilíbrio...

Numa questão de segundos, esfumaram-se por entre as chaminés dos telhados. A repariga virou-se então e estendeu a mão. Até àquele momento, Lala pensara que não podia haver alguém mais belo do que Amira. Aquela menina com cabelo da cor das laranjas doces e sorriso terno estava muito perto. Lala aceitou a mão e ergueu-se.

— Estás bem? — perguntou ela com os olhos muito abertos na cara redonda.

Lala fitou os pés, envergonhada sem saber bem porquê.

— Estou bem, muito obrigada.

— Gosto dela — declarou, confiante, sem lhe largar as mãos —, esta é uma das boas, não achas, Gawain?

Gawain desviou a cara, com outro estalido de língua, menos autoritário, mais resignado. Não estava convencido de que Lala era «uma das boas», nem que a situação exigisse que lhe dirigisse a palavra.

— O meu nome é Melântia — disse, entusiasmada —, aquele é o Gawain, o melhor de nós, e este é Dracul, o pequenino, chegou agora. Desculpa termos-te assustado.

Melântia tinha as faces rosadas, nariz arrebicado e olhos da cor do céu da tarde. Trazia um vestido de chita com um padrão de flores minúsculas, e umas sandálias rasas de couro curtido que deixavam ver, enrolando-se nos tornozelos, o desenho de um caule negro ondeante de onde brotava o contorno níveo de pétalas de malmequeres ou lágrimas de leite. Gawain, de pele negra e cabeça rapada, tinha olhos castanhos, duros e taciturnos, e um rosto longo sem arestas nem falhas, como se tivesse sido moldado por um artesão. Testa alta, bochechas redondas, nariz largo, lábios cheios. A beleza amena contrastava com a explosão de cores no tronco longo e enxuto. Era

a mais intrincada tatuagem que Lala já vira. Começava no lado direito da cintura, um fio de fumo, torneando-o e crescendo várias vezes até banhar todo o ombro esquerdo. Era incompreensível, de brancos fortes e púrpuras aguerridas, que se entrelaçavam como ramos de espinhos e caudas de astros.

Quanto a Dracul...

— O meu nome é Lala — respondeu, por fim, sem desviar os olhos do pequenino que não era assim tão pequeno.

Dracul, de pele de areia e olhos de água, contemplou-a, curioso, do ombro de Melântia. Abraçava os ombros de Melântia e ainda tinha a pulseira plástica no pulso.

— Olá.

— Dracul — admoestou Gawain antes de Lala poder responder.

— Gawain — disse por sua vez Melântia.

Gawain enfiou as mãos nos bolsos das calças e olhou para o lado, como se tudo fosse preferível a entrar naquela discussão.

— Obrigada por não teres medo — agradeceu Melântia, apanhando a pasta do chão —, sei que te assustámos, mas não te metemos medo. Obrigada.

— De nada — respondeu Lala aceitando a pasta, sentindo-se cada vez mais longe.

— Temos de ir — disse Melântia, com Dracul enroscando-se no seu pescoço — O Drago hoje está endemoninhado e temos de apanhá-lo antes que ele se afaste mais. Se houvesse mais pessoas, ele não se teria arriscado, mas hoje...

— Melântia — chamou Gawain em tom de aviso.

Melântia acenou impacientemente sem olhar para ele.

— Eu sei, eu sei. — Pousou as mãos nos ombros de Lala, puxando-a ligeiramente para si. — Se alguém perguntar, não nos viste, por favor. Combinado? Feito?

Os pensamentos de Lala estavam demasiado emaranhados para recusar um pedido. Combinado. Feito. Se alguém perguntasse, não vira nada.

Melântia brindou-a com um sorriso com covinhas e encarou Gawain, triunfal.

— Agora, sim, vamos.

E afastaram-se a correr pela rua abaixo, virando na primeira à esquerda. «Como é que sabem para onde...?», pensou antes da enormidade do que acontecera cair sobre ela. Lala agarrou-se à pasta como uma

náufraga, sentindo-se afogar. Desesperada para não cair no Mais Recente Episódio, como Grégoire o apelidaria, Lala deu um passo em frente obrigando-se a mexer. Tremia visivelmente. Não pares, ouviu Grégoire ordenar em tom firme. Não pares. Um pé depois do outro. Vá lá. Mais um passo. Não vai ajudar caíres ao chão. Só vai custar levantar depois. Vá. O outro pé. Não pares.

Respira, Lala.

— Respira — sussurrou baixinho, sentindo lágrimas quentes a cair.

Estava a chorar. Porque é que estava a chorar? Era estúpido e fazia-a sentir-se estúpida. Nada se passara, certo? Ninguém lhe fizera mal. Ninguém podia fazer-lhe mal. Era uma hipótese que nem se punha. Então porque é que se assustara? Porque é que caíra redonda no chão e porque é que mal conseguia andar?

«Porque pensei que era ele, o rapaz do mercado.»

E? Já tinha visto vários como ele antes. Não na Vigésima Sexta Assembleia, mas... Além disso, sabia o que eram. Já lhe tinham explicado. Porquê isto?

«Não estava à espera. Não estava à espera de vê-lo no telhado.»

Não era ele. Era da linhagem celular dele.

«Mesmo assim.»

Eram os dois. Ela já tinha visto dois iguais ao mesmo tempo antes.

«Não ele.»

É a mesma coisa.

«É diferente.»

Não, não era.

Eles eram máquinas.

Lala sentiu a ponta dos dedos queimarem.

Máquinas biológicas.

«Não parecem.»

Mas eram, insistiu a voz na sua cabeça.

Era esse o problema, não era?

Lala engoliu um soluço e entrou pela esquerda de uma rua perpendicular.

Era esse. «O Problema.» Eles eram «O Problema». «O Problema» era a causa da existência de Assembleias como a Vigésima Sexta. Para pessoas que sabiam a gravidade de «O Problema» poderem viver em paz sem serem cúmplices. De «O Problema». Para pessoas como Lala e Amira e todos os que conheciam. Pessoas que não queriam macular as mãos com

aquela Impiedade. Fora a palavra usada por Amira quando lhe explicara. Impiedade. Enchia a boca de maneira que não podia sair mais nada.

Talvez não fosse tão estranho estar assim tão chocada. Era chocante. «É uma Abominação.» Desta vez foi a voz seca de Venita que ressoou na mente dela. Clonagem era uma Abominação. A palavra invocava em Lala uma colagem incongruente de memórias votadas ao esquecimento. Fazia-a sentir-se miserável. Mas Lala supunha que era normal. Que era suposto chocar-se e sentir-se mal perante uma Abominação.

Afinal, pareciam tão humanos. Ao falarem, ao moverem-se.... E daí talvez não. Não havia nada de humano na forma como se moviam para cima e para baixo de prédios, como corriam por telhados. Pareciam humanos, mas não eram. Era por isso que se sentia tão maldisposta. Porque eles eram e não eram. Tal como ela estava e não estava em movimento no comboio. E enjoava terrivelmente. Porque aí também estava e não estava.

O corpo revolta-se.

Pensar em corpos fê-la chorar mais por um sem saber porquê. Limpou o nariz com a manga esquerda. Continuava sem perceber porque se sentia...

O impacto tê-la-ia feito cair se não a tivessem segurado.

— Desculpe.

A mão manteve-se no ombro, firmando-a.

— Desculpa peço eu, menina.

Lala piscou os olhos molhados. Fora contra um guarda. Um guarda baixo, de olhos cinzentos e bigode farto. Tinha um uniforme azul-escuro com botões de latão reluzentes.

— Acaso a menina não se chamará Lala Di Ehr? — perguntou, retirando a mão.

Lala fitou-o, demasiado espantada para responder.

— Sou o Fyodor — prosseguiu jovialmente, apontando para a placa identificativa no peito —, e pediram-me para encontrar a menina Lala Di Ehr.

Lala aclarou a garganta.

— O meu nome é Lala Di Ehr — confirmou, tentando falar mais alto.

Toda a gente lhe dizia para falar mais alto.

— Prazer em conhecer-te, Lala — disse o guarda Fyodor mantendo a boa disposição. — A Venita Mel Ihd pediu-me para levar-te a casa. Estás um pouco atrasada.

— Estou?

— Na realidade, estás muito atrasada — corrigiu ele, exibindo um sorriso cintilante por baixo do bigode escova —, está toda a gente preocupada. Terás de contar...

As palavras saíram-lhe, sem acordo nem aviso.

— Foram os clonados.

E calou-se, horrorizada.

O sorriso do guarda desapareceu, examinando a cara molhada de Lala.

— Que clonados, Lala Di Ehr?

O sangue fugiu-lhe do rosto e o mundo girou outra vez, regressando ao sítio.

— Viste clonados na Vigésima Sexta?

Lala mordeu o lábio para não falar.

— Foi por isso que te atrasaste? — continuou, cada vez mais sério —, que choras?

Lala sentiu a acusação na pergunta.

— Viste clonados, Lala?

Diz a verdade. Não digas a verdade. Prometeste. Combinado. Feito.

— Eu...

Diz a verdade. Ninguém pode mentir à Lei. Todos estão ajuramentados a dizer a verdade. Assim dizia na segunda página de *A Minha Primeira Constituição*. «À Lei, todos prestam declarações sob juramento. O crime de mentir sob juramento chama-se...»

— Eu vi...

Uma Melântia magoada surgiu-lhe na mente.

— Vi um. Um clonado. Vi um clonado.

Os olhos do guarda semicerraram-se e Lala focou a atenção na ponta dos sapatos.

— Um? — perguntou brandamente. — Disseste «foram». «Foram os clonados».

Sempre fora má a dizer mentiras.

— Enganei-me — persistiu, esforçando-se por manter a voz firme. — Era um. Baralhei-me. E onde há um, há mais iguais. Mas só vi um. Onde o vi. Um.

Sempre fora horrível a dizer mentiras.

— Um, há? — O guarda não parecia estar zangado com a mentira excruciante que estava a ouvir. — E como era esse clonado?

Lala precisou de uns momentos para evitar dizer alguma verdade accidental.